

Reconhecer e decifrar signos: o exílio absoluto de Jean Améry (1939-1978)

Recognizing and deciphering signs: the absolute exile of Jean Améry (1939-1978)

Marcos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Curitiba, PR

marcos.goncalves@ufpr.br

<https://orcid.org/0000-0002-9101-9780>

Recebido em: 3 de janeiro de 2026

Aceito em: 13 de maio de 2026

Resumo:

Meu artigo sugere a ideia de “exílio absoluto” para compreender como Jean Améry (1912-1978) concebeu a história do seu banimento da Áustria natal a partir de 1939, ano seguinte à anexação do país pela Alemanha nazista (Anschluss). Sobrevivente de campos de concentração e extermínio da Segunda Guerra mundial, Améry produziu no gênero da literatura testemunhal densa reflexão sobre exílio e apatridia sem negligenciar a amplitude universal de tais fenômenos. Desde o ponto de vista do artigo, alguns textos de Améry empregados como fontes primárias, auxiliam a mais bem entendermos as complexidades e impactos objetivos e subjetivos dos deslocamentos humanos na história do tempo presente.

Palavras-chave: Jean Améry. Exílio e Apatridia. Literatura Testemunhal.

Abstract:

My article suggests the idea of “absolute exile” to understand how Jean Améry (1912-1978) conceived the story of his banishment from his native Austria beginning in 1939, the year after the country's annexation by Nazi Germany (Anschluss). A survivor of concentration and extermination camps during World War II, Améry produced a dense reflection on exile and statelessness in the genre of testimonial literature, without neglecting the universal scope of such phenomena. From the point of view of this article, some of Améry's texts, used as primary sources, help us to better understand the complexities and objective and subjective impacts of human displacement in the history of the present time.

Keywords: Jean Améry. Exile and Statelessness. Testimonial Literature.

Introdução

Meu artigo tem como propósito refletir sobre a ideia de exílio e apatridia em textos escritos por Jean Améry (1912-1978), intelectual nascido na Áustria e sobrevivente do genocídio perpetrado pelos nazistas durante a Segunda Guerra mundial. No desdobramento imediato da proposta, sugiro o emprego da expressão “exílio absoluto” para entender não somente como Améry pensou por meio de sua escrita testemunhal sobre essa condição existencial, física e política. Suponho que o termo “exílio absoluto” configura um horizonte cronológico que inicia em 1939, com o seu banimento e a fuga da Áustria, e encerra em 1978. Um exílio absoluto, tal como formulo, implica em assumir uma completa ausência: não há vontade, esperança ou expectativa de retorno à terra natal. Em outras palavras, a desesperança foi uma marca persistente ao longo desse processo porque Améry construiu uma história fundamentada na recusa intransigente e radical quanto à pretensão de recuperar qualquer direito à cidadania austríaca no período pós-1945, permanecendo como “um homem sem pátria”¹ até seu suicídio em outubro de 1978. Porém, não abdicou ao direito de testemunhar sobre o sentimento que nutria a respeito das temporalidades que determinavam a condição exilar. Exílio: considerando o quão polissêmico é o fenômeno, e, em termos de mobilização de um conceito abrangente, tendo em vista que o exílio toca em diferentes situações, acompanho a definição que Bruno Groppo confere ao objeto. Para o autor, o exílio é uma forma de migração distinta das migrações econômicas em razão do seu caráter forçado e involuntário (Groppo, 2002:71). Em outra versão categorial bastante convincente e plausível de ser aplicada ao caso de Améry, Waintrater (2014: 66) distinguiu “... il est exils volontaires et des exils forces, des exils réversibles et des exils definitifs, des exils dorés et des exils misérables.”²

O exílio acomete, enquanto vítimas, por assim dizer, indivíduos e coletivos que são perseguidos por questões étnico-raciais, religiosas, político-ideológicas, etc., e passam a sofrer graves ameaças em sua integridade e sobrevivência possível. A história do exílio de Jean Améry, convertendo o específico em abrangente, inscreve-se na história dos “exílios europeus do século XX”, isto é, uma gigantesca e longa diáspora

¹ Em alusão ao título da extraordinária narrativa de Kurt Vonnegut (2006).

² “... exílios voluntários e exílios forçados, exílios reversíveis e exílios definitivos, exílios dourados e exílios miseráveis”. Tradução do autor. Retomarei adiante, em outra seção do artigo, este importante texto de Waintrater.

política forçada que “atingiu um desenvolvimento extraordinário a partir da Primeira Guerra Mundial, e que tem sua origem na Europa”, mesmo que tais exílios não sejam “dirigidos somente a países europeus, mas também a outros continentes” (Groppo, 2002:70). No texto que segue, devo estruturar minha discussão apresentando um não exaustivo traçado biográfico de Jean Améry, para mais bem situar o leitor nas contingências da “catástrofe” que envolve esse intelectual. Em seguida, desenvolvo, a partir de fontes primárias que emergem da escritura de Améry, elementos que fizeram parte de seus posicionamentos mais radicais e incisivos sobre a condição do exílio. Procuo não perder de vista contextos históricos relacionados aos imensos danos coletivos e pessoais causados pela experiência inaudita de violência que desabou sobre as populações germânicas a partir dos anos 1930, com especial enfoque, por óbvio, nas comunidades intelectuais de Áustria e Alemanha. Nesse sentido, convém reforçar que a obra de Améry como um todo, seja a ensaística, o jornalismo, as reflexões filosóficas e morais, reunidas, principalmente, sob a categoria de literatura de testemunho estão situadas, propriamente, nesse contexto de tendências intelectuais e acontecimentos políticos da época em que viveu e atuou.

Leitor e estudioso desse intelectual incomum há vários anos, a indagação que me inquieta nesta reflexão e que dirijo aos textos de Améry está associada a uma metodologia que verticaliza a compreensão sobre um vocabulário peculiar produzido pelo exilado, sobrevivente, e, por fim, suicida. Uma metodologia que valoriza a “latente filosofia do tempo”, e, por onde tento me equilibrar na *Historik* koselleckiana. Em síntese, a *Historik* refere-se à capacidade de organizarmos em uma narrativa o que uma filosofia latente da temporalidade, isto é, formas parciais ou incompletas de refletir sobre o tempo histórico, permitiu acessar. Como bem frisou Rodrigues (2021: 45) na “Apresentação” à filosofia do tempo de Koselleck, a *Historik* trata da pergunta lançada às “condições de possibilidade das histórias, das formas de conhecê-las e, posteriormente, das formas de narrá-las e de lembrar seu caráter incompleto, plural, acessível, suscetível e aberto ao que não está imediatamente visível”. Por isso mesmo, o termo “latente” é de fundamental relevância nessa metodologia porque impulsiona formas de problematização aplicadas a este artigo: quais pontos de apoio narrativo são construídos por Améry, que permitiram a ele transmitir com a maior clareza possível a realidade da experiência histórica do exílio dentro de uma dimensão ética e histórica?

Ou, como Améry situou ou reconfigurou; em suma, temporalizou existencialmente e no plano da narratividade, as perdas das referências do passado no presente do exílio?

Ao monitorar a história desse vocabulário sobre o exílio, levo em conta dois aspectos: primeiro, um entrecruzamento de gêneros e concisão estilística alcançados pela obra de Améry, e, em segundo lugar, o que historiadores e teóricos da literatura têm observado, sobretudo na obra ensaística do autor: a tradução de um processo extremo de desumanização onde sobressai a reflexão sobre a brutalidade do fascismo. Note-se, é uma tradição, como nos ensina Koselleck, cuja “realidade histórica nunca coincide com o que verbalmente se articula com ela e a respeito dela” (Koselleck, 2021: 120). Lembro, portanto, que a realidade histórica, quando mencionada literalmente, é insubmissa a uma plena atestação verbal, que é, por sua vez, caracterizada pela provisoriade e pela instabilidade. Assim sendo, convém reafirmar que os historiadores e teóricos da literatura citados enfocaram criticamente, e com razão, a capacidade da língua de penetrar as coisas na possibilidade de comunicar o supostamente indizível (Zeyringer e Gollner, 2019:743; Gauss, 2007:279).

Améry: um traçado biográfico

Empreguei linhas acima a expressão “catástrofe” com o intuito de qualificar um tipo de experiência que foi comum a milhões de pessoas ao longo do século XX. Porém, acredito que o termo carece de uma definição em, ao menos, três níveis que são complementares: histórico, subjetivo/psíquico e pessoal/individual. No primeiro nível, Rousso (2016: 99-100) caracteriza a catástrofe como a evidência sobre contextos nos quais se observam conturbações materiais, físicas e psicológicas causadas por um conflito de natureza inédita, e quando esses processos históricos resultam em uma amplitude extraordinária de perdas humanas. O exemplo mais claro é atribuído às guerras globais e ao encadeamento de consequências catastróficas resultantes desses episódios. No plano do que eu designaria como subjetividade, ou mais associado ao impacto da catástrofe na estrutura psíquica diante do mundo social, Gatti (2010:57-78) propõe que o evento catastrófico aponta para uma espécie de estabilidade da dissociação entre fatos e sentidos. Em resumo, entendo que para Gatti, a catástrofe seria o sem sentido e a aporia como normatividade, o inabitual e único predominando sobre a

constância, sobre o relativamente controlável, o habitual e o regular, o que converteria o caos, o dissoluto, a desordem psíquica e a instabilidade social em ordem corrente.³

No terceiro nível, a ideia de catástrofe foi aplicada para reconstruir as atitudes públicas e o comportamento intelectual do próprio Jean Améry. Em um texto inspirador, Joseph Rosen afirma que a catástrofe em Améry pode estar sintetizada no temor que suscitaria uma repetição da violência nazista, o que nada mais seria do que uma repetição em alto grau da violência na história. De modo que, intelectualmente, Améry estaria preso em alguma forma de repetição existencial de sua própria experiência com a violência (Rosen, 2011: 289-290). Um complemento poderoso a esta observação de Rosen, reside no argumento de Magdalena Zolkos. Ao organizar e editar a obra coletiva *On Jean Améry. Philosophy of Catastrophe* (2011), Zolkos afirma:

Améry's life story—his experience of exile, torture, and the death camp, powerfully documented [...] – evidences human precariousness vis-à-vis the historical experience of Nazi terror. It furthermore documents the tension between the irreducible singularity of human suffering and the subjective aspects of victimization and the public discourses of commemoration and Reconciliation in the catastrophic aftermath (Zolkos, 2011-IX).⁴

Talvez estas noções preliminares e brevemente expostas sobre a catástrofe possam vir a se tornar de utilidade explicativa e auxiliarem caso a elas forem atribuídas correspondências diretas com o traçado biográfico de Améry. No início de maio de 1939, Jean Améry, ainda sob o presumível nome de nascimento Hans Chaim Maier, ingressou na Bélgica acompanhado de um grupo de refugiados procedentes de Viena e de outras regiões austríacas. Eram perseguidos e banidos da terra natal em razão, sobretudo, da invasão e anexação (*Anschluss*) da Áustria pela Alemanha nazista ocorrida em março de 1938. Améry, como ele mesmo testemunha, era um refugiado sem passaporte ou visto, sem nenhum documento de identidade e clandestino, vagando com míseros quinze marcos no bolso; em um lugar no qual após uma longa caminhada pela noite, sabia que não era bem-vindo (Améry, 2013:79).

³ O exemplo histórico investigado por Gatti para atribuir o conceito sociológico de catástrofe é o crime do desaparecimento forçado cometido pelas ditaduras do Cone Sul latino-americano, em especial, Argentina e Uruguai nas décadas de 1970/1980.

⁴ “A história de vida de Améry — sua experiência de exílio, tortura e campo de extermínio, poderosamente documentada [...] — evidencia a precariedade humana diante da experiência histórica do terror nazista. Além disso, documenta a tensão entre a singularidade irredutível do sofrimento humano e os aspectos subjetivos da vitimização, bem como os discursos públicos de comemoração e reconciliação no período catastrófico subsequente”. Tradução do autor.

Jean Améry nasceu como Hans (ou Hanns) Chaim Maier em Viena no ano de 1912, no seio de uma família assimilada e pertencente à pequena burguesia empobrecida, de mão católica praticante e pai judeu, morto durante a Primeira Guerra mundial.⁵ A Viena descrita por Améry no relato autobiográfico *Lugares em el tiempo* era, em tempos posteriores à primeira guerra mundial, e na medida em que se pode fazer afirmações semelhantes, uma das capitais mundiais do espírito. Sua principal biógrafa e conscienciosa mantenedora de parte de sua obra, induz a pensarmos que o nome de nascimento de Améry parece já antecipar algo de enigmático e que está sob as névoas que a imprecisão dos registros ocasiona, deixando sem cobertura evidências documentais mais exatas: “En el principio fue el nombre, y el nombre era Hans Maier, o Mayer, o Hanns Mayr o Johann Mayer o Johannes Maier. Ya desde la adolescencia le disgusta su nombre, le resultaba demasiado corriente” (Heidelberger-Leonard, 2010:13).⁶ Heidelberger-Leonard ainda acrescenta, em nota de rodapé e após cotejar vários documentos, que o registro de nascimento está em nome de Hans Maier; ao passo que na listagem de alunos da escola primária de Bad Ischl – parte sul da Alta Áustria – e referente ao período letivo de 1920/1921 constava o nome de Hans Mayer. No curso escolar de 1922/23, aos dez anos, foi matriculado como Hans Maier. Mas as dúvidas quanto ao nome ainda persistem e se expandem. Na listagem de alunos do Instituto de Gmunden, seu nome apareceu citado em 1923/24 e 1924/25 como Johann Mayer. No início da década de 1930, quando figurava como editor de *Die Brücke* [A Ponte] assinava textos ou editoriais como Hanns Mayer (Heidelberger-Leonard, 2010:13), até assumir em definitivo o anagrama francês Jean (Hans) Améry (Maier) em 1955. O ano em questão, além de marcar a mudança do nome, coincide com o que Heidelberger-Leonard (2011:137) afirma sobre Améry colocar um ponto final nos experimentos com a identidade ao assinar a partir de então “conscientemente”, como Jean Améry. De onde surge essa consciência? Não é improvável que a “tomada de consciência” observada por Heidelberger-Leonard se constitua em uma estreita relação

⁵ A mãe, Valerie Goldschmidt (1879-1939); o pai, Paul Mayer (1883-1917). No livro autobiográfico *Lugares em el tiempo*, Viena é assim descrita por Améry: “La Viena de los tiempos posteriores a la primera guerra Mundial era, en la medida en que se puedan hacer afirmaciones semejantes, una de las capitales mundiales del espíritu” (Améry, 2010: 22). O título do original alemão desta obra é *Örtlichkeiten*. Ela foi publicada na forma de livro somente no ano de 1980, portanto, dois anos depois da morte do autor.

⁶ “No princípio era o nome, e o nome era Hans Maier, ou Mayer, ou Hanns Mayr, ou Johann Mayer, ou Johannes Maier. Mesmo na adolescência, ele não gostava do próprio nome; achava-o muito comum”. Tradução do autor.

de Améry com um debate perturbador que começou a proliferar no meio intelectual de língua alemã. O notável escritor e professor de literatura W. G. Sebald (1944-2001), admirador confesso e assíduo leitor de Améry lembrou, providencialmente, da “assombrosa indiferença dos anos 1950” quanto a se fazer ouvir vozes genuínas sobre o genocídio desencadeado pelo nazismo, e a urgência que as sociedades austríaca e alemã demonstraram quanto a soterrar “o passado no passado”.

O soterramento deliberado assumido na forma de silêncio e esquecimento foi uma medida de impactos ideológicos consideráveis porque implicou nos seguintes desdobramentos: anistias, leis de prescrição, indultos ou perdões a criminosos de guerra que, não raras vezes, passaram (ou voltaram) a reocupar funções públicas na Alemanha Federal. As extensas pesquisas de Norbert Frei (2002; 2023), e Manfred Görtemaker (2013) demonstraram cabalmente as atitudes de partidos políticos, do sistema de justiça e de altas lideranças da Alemanha na dupla estratégia de “esquecer e acolher”: esquecer o passado genocida e acolher nazistas profundamente comprometidos com o regime que colapsou com o fim da guerra.⁷ Essa combinação de eventos provocou a atitude irredutível e insubmissa de Améry quanto a recusar qualquer espécie de reconciliação com crimes e criminosos ou sequer imaginar o perdão, fato que, efetivamente, pode ter repercutido em duas decisões irrevogáveis: a mudança definitiva do nome, e a negação de sua cidadania austríaca convertendo-se em um “exilado absoluto”.⁸ E, por conseguinte, na necessidade de “compensar o imenso déficit moral que caracterizou a produção literária do pós-guerra até por volta de 1960” (Sebald, 2021:126). Para Améry,

⁷ Norbert Frei (2002:5-6) relata que, com o apoio entusiástico de Konrad Adenauer, já em 1949, no início dos trabalhos parlamentares, partidos políticos de direita e centro-direita reivindicavam com alguma veemência anistias políticas a contravenções “menores” e diminuição gradual do rigor do processo de desnazificação. Também consultar nesta densa obra de Frei, a Parte I, composta pelos seguintes capítulos: “The Amnesty Law of 1949”; “The Liquidation of Desnazification”; “The Rehabilitation and Pensioning of the ‘131ers’”; “The Amnesty Law of 1954” (Frei, 2002: 5-91). Por sua vez, Görtemaker investigou exaustivamente o papel do Ministério Federal da Justiça da Alemanha a partir do final da guerra até a década de 1970, publicando em 2013 o célebre Dossiê Rosenberg. Ficou constatado que as carreiras no judiciário continuaram como se a censura de 1945 nunca tivesse acontecido: “os funcionários foram substituídos e recomendados a outros; a moralidade e a ética, a conexão entre culpa e responsabilidade, que eram, de acordo com sua própria reivindicação, componentes indissolúveis da autoimagem jurídica, de repente pareciam ser irrelevantes” (Görtemaker, 2013:18-19).

⁸ Em um trabalho exemplar sobre a escrita testemunhal de Jean Améry, o filósofo Jean-Marie (2018: 59), afirma: “The name Jean Améry itself was a pen name, which the author had adopted in Belgium in 1955, as a symbol of his exile-in-permanence from his Austrian-German past. His adoption of this nom de plume compels us to see his literary and critical work as a project of self-fashioning”. Tradução do autor: “O próprio nome Jean Améry era um pseudônimo, que o autor adotou na Bélgica em 1955, como símbolo de seu exílio permanente de seu passado austro-alemão. A adoção desse pseudônimo nos obriga a ver sua obra literária e crítica como um projeto de construção de si mesmo”.

a reconciliação quando proclamada até pelas vítimas do nazismo só poderia “significar insensibilidade e indiferença diante da vida ou conversão masoquista de uma *autêntica*, mas recalcada, exigência de vingança” (Améry, 2013:118-119, grifo no original). Pode-se afirmar, como propõe Sebald, que Améry se escandalizava com uma justiça restaurativa meramente pecuniária, e que, em seu limite, exigia das vítimas o silêncio como moeda de troca: “O equivalente afetivo desse estado sem solução, apesar de toda a jurisprudência, é o mutismo, como Améry sabia bem” (Sebald, 2021:128). Améry ainda teria sustentado como argumento de sua indisposição com a cultura política e literária germânica da época, um ressentimento que veio a teorizar no formato de um célebre ensaio publicado em 1966, incluído na sua obra testemunhal mais conhecida, para a qual remeterei o leitor na próxima seção. Por enquanto, convém assinalar que o ensaio “Ressentimentos” revelava como se situava a perspectiva crítica de Améry em face da condescendência das sociedades alemã e austríaca em sua relação com o passado:

Não posso aceitar um paralelismo entre o meu caminho e o do indivíduo que me golpeou com o látigo. Não quero ser cúmplice dos meus torturadores. Ao contrário. Exijo que eles se reneguem e se unam a mim nesse repúdio. As montanhas de cadáveres que nos separam não podem ser aplainadas por meio de um processo de interiorização. Ao contrário, exigem uma atualização, para dizermos as coisas de forma bem clara: é no campo da ação da práxis histórica que precisamos resolver o conflito não dirimido (Améry, 2013: 116).

Diante do que foi exposto, qual é a importância em associar a uma reflexão sobre o exílio todas essas contradições às idas e vindas que atravessam a história dos nomes de Améry e às discussões políticas e literárias que emergiram gradativamente sobre o passado? Inicialmente, um argumento plausível é afirmar que tais situações se condicionam a uma característica que foi central em muitos textos produzidos por Améry. Elas dizem respeito diretamente a um esfacelamento ou desintegração de sua identidade, fenômeno absolutamente importante e trágico para uma geração de milhões de indivíduos que foi protagonista e espectadora de duas guerras mundiais, e vítima direta da violência inaudita dos fascismos até aquele momento do século XX. Sugiro que a história de esfacelamento e desintegração da identidade de Améry também pode significar frequentes tentativas de recomposição, e cujo início está justamente no

episódio que marca o seu banimento da Áustria em 1939: para ele, “a definição mais fiel de exílio está na etimologia desta palavra alemã, *Elend*, cujo significado original era banimento” (Améry, 2013: 80). Antes do banimento, porém, Améry percebeu (e temporalizou) a aversão da qual seria alvo desde uma perspectiva racista. A imagem que Améry representou em palavras na Viena de 1935 evidenciou, para ele, o encontro com e a “descoberta” do racismo fascista que o reduzia a um sub-humano:

Tudo começou naquele dia de 1935, quando, sentado em um café vienense, inclinado sobre um jornal, li as leis de Nuremberg, recém-promulgadas na Alemanha. [...] O primeiro ato precisa ser o reconhecimento pleno do veredicto da sociedade como um fato real. Quando li as leis de Nuremberg em 1935 e me dei conta não só de que elas me atingiam, mas de que eram a expressão jurídica e institucional do veredicto já emitido pela sociedade alemã – pois o grito “Morte!” já havia sido dado –, eu poderia ter tentado me evadir intelectualmente, recorrer a mecanismos de defesa e, portanto, perder meu processo de reabilitação. Ou eu poderia ter argumentado que se tratava apenas da Alemanha, um país que infelizmente havia submergido em uma loucura sanguinária e me impunha a pecha absurda de sub-humano, no sentido literal da palavra...” (Améry, 2013: 136-142).

O percurso historicamente acidentado – e registrado em várias histórias não lineares que narrou sobre sua(s) vida(s) – acabou por ser parte de um processo mais amplo, dimensionado em várias fases. O ingresso na Bélgica e o imediato engajamento na resistência antifascista; a captura, o confinamento, o traslado entre campos de concentração franceses, respectivamente, de Saint-Cyprien a Gurs em 1940,⁹ e a consequente evasão deste último; nova captura na Bélgica pela Gestapo¹⁰ em 1943; a experiência fundamental psíquica e fisicamente dilacerante da tortura em 23 de julho do mesmo ano na Fortaleza de Breendonk na Antuérpia; o internamento em Auschwitz-Monowitz no final de 1943, tatuado sob nº 172364; a retirada de Auschwitz e a “participação” na marcha da morte no final de janeiro de 1945; novo internamento em Buchenwald, no subcampo de Mittelbau-Dora como trabalhador escravizado; e

⁹ O episódio dos campos franceses é narrado por Améry em um texto autobiográfico de título *Años de andanzas nada magistrales* (2006), versão em espanhol do original alemão *Unmeisterliche Wanderjahre* (1971). Utilizando a voz da terceira pessoa, Améry relata que: “Él estaba en el campo de Saint-Cyprien en el golfo de Lyon. [...] En otoño de 1940 fue trasladado de nuevo, salto desde el tren en marcha, fue atajado por los gendarmes, maniatado y encerrado con los demás en el campo de Gurs en los Bajos Pirineos” (Améry, 2006: 108).

¹⁰ Gestapo: sigla de *Geheime Staatspolizei*, a polícia secreta do Estado nazista. Criada em 1933 por Hermann Göring.

finalmente, a libertação pelas forças britânicas em 15 de abril de 1945 no campo de Bergen-Belsen,¹¹ para onde os nazistas transferiram muitos milhares de últimos sobreviventes deixando-os à mercê da mais completa condição famélica e mortalmente doentes.¹² No pós-guerra, Améry estabeleceu-se em definitivo na Bélgica, em Bruxelas, chegando na cidade em 24 de abril de 1945. Seu endereço mais conhecido ficou sendo na Avenue Coghén, 56, na região de Uccle, onde residiu entre os anos de 1963 a 1978. Segundo Améry, embora sobreviventes, ele e seus camaradas de infortúnio não abandonaram Auschwitz nem “mais sábios nem mais profundos, mas sim mais sagazes” como se a possibilidade da palavra esgotasse e fosse substituída por uma realidade imposta de modo totalitário: “Há muito ela [a palavra] expirou para nós. Não nos restou sequer o sentimento de que deveríamos lamentar sua partida” (Améry, 2013: 52).

Ainda que não seja o único artefato autobiográfico no conjunto de sua obra, Améry narrou o principal e nuclear dessas experiências no testemunho *Jenseits der Schuld und der Sühne. Bewältigungsversuche eines Überwältigten*, original de 1966, e publicado no Brasil somente em 2013.¹³ Sobre o percurso que resultou nessa abordagem testemunhal Améry legou a investigadores e leitores algumas chaves de compreensão e, como afirmei, vestígios autobiográficos que elucidam fases de sua vida. Por exemplo, no ensaio “After Five Thousand Newspaper Articles. How Became a Writer”, publicado postumamente no ano de 1979, e intitulado no original alemão como “Nach fünftausend Zeitungsartikeln”¹⁴, Améry chamou atenção para o quanto o componente autobiográfico de sua obra é especialmente significativo. Para Améry, era um fato quase trivial que

¹¹ “Quando reingressei no mundo com 45 quilos e uma roupa de riscas...” (Améry, 2013:80).

¹² Bergen-Belsen, devido à posição geográfica dentro da Alemanha, tornou-se a partir do final de 1944 cada vez mais um destino para transportes de evacuação, levando este *Lager* nos meses subsequentes a dezembro de 1944 a uma lotação catastrófica, com a consequente e rápida difusão de doenças como tifo, disenteria, tuberculose, aliada a uma completa falta de higiene, carência de assistência médica e desamparo nutricional. Thomas Rahe (2009:281) esclarece que “In March 1945, alone, more than 18.000 prisoners died in Bergen-Belsen”. Tradução do autor: “Somente em março de 1945, mais de 18.000 prisioneiros morreram em Bergen-Belsen”.

¹³ No Brasil, esse livro testemunhal traduzido por Marijane Lisboa, é intitulado como: *Além do crime e castigo. Tentativas de superação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013

¹⁴ Emprego neste artigo a versão inglesa do ensaio, que foi traduzido por Sidney e Stella Rosenfeld, pesquisadores da Universidade de Indiana/Estados Unidos. O ensaio recebeu o título de “After Five Thousand Newspaper Articles. How Became a Writer” [Depois de cinco mil artigos de jornal. Como me tornei escritor. Tradução do autor]. Este e outros ensaios tomam parte da coletânea *Radical Humanism. Jean Améry – Selected Essays*, editado e traduzido pelos Rosenfeld. Utilizo a versão eletrônica que está hospedada em: <https://publish.iupress.indiana.edu/read/radical-humanism/section/a0261c2e-a34b-427d-9c94-15da19ef9663>. Ainda é importante destacar que nas futuras e eventuais citações a este importante documento atenderei como padrão a seguinte notação: (Améry, RH [ano de publicação original]: s. p.)

toda obra escrita possuía um substrato autobiográfico, tratando-se apenas de estimar o grau e a densidade desses elementos autobiográficos que encontravam seu caminho na obra. Em particular, Améry propôs que para ele, relatar uma vida pessoal e intelectual se tornou um ensaio contemplativo, talvez pretendendo se referir ao alcance e tragicidade de suas experiências, e como seus testemunhos se constituíram, para empregar os termos de Max Scheler, em uma “unidade de vivência”. Mas, o que foi esclarecedor no ensaio em epígrafe residiu em uma justificativa sobre o quanto era “impossível” desempenhar qualquer atividade intelectual relacionada à Alemanha nas primeiras duas décadas após o fim da Segunda Guerra. De modo que a citação seguinte reforça minhas sugestões anteriores sobre o dilaceramento identitário de Améry:

As an emigrant who had been affected by the Nuremberg racial laws, as a resistance fighter and former Auschwitz inmate, for years I had found it mentally and morally impossible to work in, or for, Germany. Not until a generation of young intellectuals, newspaper and radio editors, publishers' readers, and critics had arisen who were no longer associated in my mind with the Germany of the deepest humiliation—mine and the country's own—not until I could again meet Germans impartially, did I feel free to work for German media. This was not possible before 1964, when I had a chance meeting in Brussels with Helmut Heissenbüttel, in whose person I encountered for the first time since 1933 a new and truly “other” Germany (Améry, RH [1979]: s. p.).¹⁵

Até seu encontro com o editor Heissenbüttel, Améry era obrigado a ganhar a vida como jornalista no mercado de língua alemã relativamente pequeno da Suíça. Não sendo jovem, também era totalmente desconhecido, e não encontrava suficiente acolhida para os ensaios filosófico-sociológicos que oferecia. Assim, durante quase duas décadas escreveu artigos em folhetins e, por vezes, também redigiu ensaios políticos para jornais diários e semanais suíços. Se esses trabalhos garantiram uma certa

¹⁵ “Como emigrante afetado pelas leis raciais de Nuremberg, como membro da resistência e ex-prisioneiro de Auschwitz, durante anos considerei mental e moralmente impossível trabalhar na Alemanha ou para a Alemanha. Somente quando surgiu uma geração de jovens intelectuais, editores de jornais e rádio, leitores de editoras e críticos que já não estavam associados, em minha mente, à Alemanha da mais profunda humilhação — a minha e a do próprio país — somente quando pude voltar a encontrar alemães de forma imparcial, é que me senti livre para trabalhar para a mídia alemã. Isso não foi possível antes de 1964, quando tive um encontro fortuito em Bruxelas com Helmut Heissenbüttel, em cuja pessoa encontrei, pela primeira vez desde 1933, uma Alemanha nova e verdadeiramente “outra”. Tradução do autor.

subsistência, nada do que realizou pareceu representar a ele algo que se aproximasse a uma reconquista de dignidade intelectual: “My identity as a writer, which I had been seeking since my sixteenth year, when my first manuscript was printed in Vienna, had vanished. I accustomed myself to the situation of a failure or a “raté”¹⁶ as I preferred to say in French (because it sounded less dramatic and pathetic) (Améry, RH [1979], s. p.).¹⁷

Em 1966, Améry conseguiu concretizar seu plano de transformar as experiências na resistência e no *Lager* nazista em objeto de especulação filosófica e abordagem testemunhal direta. À época, se desenrolava na cidade de Frankfurt o grande julgamento de ex-integrantes da SS de Auschwitz, além do que, os residuais políticos, diplomáticos e sensíveis do caso Adolf Eichmann, cujo julgamento ocorrera entre 1961 e 1962 em Jerusalém, ainda obtinham significativa ressonância. Porém, se as relações com Helmut Heissenbüttel deram estímulo a Améry a publicar seu relato, foi o editor Gerhard Szczesny de Munique quem assumiu a responsabilidade e publicou seu testemunho, que ganharia uma nova edição em 1977 pela prestigiosa Klett-Cotta de Stuttgart. É justamente nessa obra, a única tradução de Améry no Brasil até o momento, que se encontra o admirável ensaio “Até que ponto precisamos da terra natal?” (Améry, 2013: 79-106), texto no qual o leitor e o estudioso de Améry podem colher subsídios sobre uma história pungente que trata de questões existenciais e históricas que tocam na condição do exílio e da apatridia. Mas não somente esse documento primário alicerça minhas reflexões na seção seguinte. Devo relacioná-lo aos contextos de expulsão ocasionados pelo *Anschluss*, e a temas que Améry discutiu e que, sob meu ponto de vista, convergem para o núcleo reflexivo da condição absoluta do exílio. São eles: a emigração, situação que ele equipara ao exílio; e o que é designado por Améry como “o tempo de reabilitação”, um termo potencialmente crítico – e antropológicamente desalentador – empregado para compreender o quão seria difícil e até impossível manter viva uma indignação moral que resistisse aos efeitos silenciosamente erosivos e transformadores do tempo histórico, após passados alguns anos do seu próprio

¹⁶ O termo “raté”, no original francês, pode significar alguém que está perdido, mas também pode aludir e representar a condição pária do indivíduo. A expressão “raté” também aparece em outros textos de natureza autobiográfica de Améry, como é o caso de *Años de andanzas nada magistrales* (2006:132). Sobre esse texto, ver nota de rodapé 9 do artigo.

¹⁷ “Minha identidade como escritor, que eu buscava desde os dezesseis anos, quando meu primeiro manuscrito foi impresso em Viena, havia desaparecido. Eu me acostumei à situação de fracassada ou “raté”, como eu preferia dizer em francês (porque soava menos dramático e patético). Tradução do autor.

banimento e de milhares de compatriotas, passado o tempo do extermínio, e quando a realidade da experiência era o exílio irreversível para outros milhares como Améry.

Améry: sobre o exílio

A consagração do processo de anexação da Áustria pela Alemanha nazista aconteceu em março de 1938. Falo em “consagração” porque no referendo popular realizado no mês seguinte praticamente desapareceram as vozes discordantes. Nos cálculos informados por Éric Vuillard, e, em percentuais que se pretendem os mais exatos possíveis, “Noventa e nove vírgula setenta e cinco por cento dos austríacos votaram pela anexação ao Reich” (Vuillard, 2019: 127). Foi também Vuillard quem observou um dado sintomático que atribuiu advindo da situação política e diz respeito sobre o quanto o número de suicídios logo antes do *Anschluss* se elevou exponencialmente: em torno de mil e setecentos em uma semana. Quando se conseguia burlar a censura quase imediatamente imposta, anunciar um suicídio pela imprensa acabou se transformando em “um ato de resistência” (Vuillard, 2019: 128).

Todavia, o processo persecutório que se abateu sobre a população austríaca a partir de 1938, sobretudo, contra as comunidades judaicas, os setores intelectuais e classes proletárias, era um experimento que se consolidou na Alemanha entre 1933 e 1936. Não é novidade lembrar que um dos alvos potenciais do nazismo foi grande parte da cultura artística moderna em geral, e da Alemanha em particular, estigmatizada, marginalizada ou destruída desde então. A primeira lista de artistas e intelectuais ligados à *Entartete Kunst* [arte degenerada] foi publicada no dia 15 de março de 1933. Nesse mesmo mês foi celebrada em Nuremberg a primeira exposição dedicada a difamar a arte moderna, conhecida na linguagem nazista como “Câmara de Horrores” (Watson, 2010: 324). Na Áustria, a perseguição correspondeu a métodos semelhantes. Um exemplo mais imediato pode ser tomado pelo célebre Círculo de Viena, grupo de intelectuais difusores de um “novo positivismo lógico”, tendência especialmente importante e decisiva na formação inicial do pensamento de Jean Améry até sua adesão ao existencialismo sartreano no imediato pós-guerra. Porém, a diferença, segundo os estudos de Peter Watson, consistiu em que o exílio dos intelectuais do Círculo de Viena teria resultado em um processo relativamente menos danoso, em razão de laços

intelectuais firmados desde a década 1920 com representantes da escola pragmática dos Estados Unidos:

La emigración de los filósofos el Círculo de Viena fue tal vez menos traumática que la de otros académicos. Habida cuenta de la tradición pragmática estadounidense, parece lógico que muchos estudiosos se mostrasen de acuerdo con lo que exponían los positivistas lógicos, por lo que varios miembros del Círculo habían cruzado el Atlántico durante la década de los veinte y los inicios de los treinta para dar conferencias y conocer a colegas de ideas similares (Watson, 2010: 330).¹⁸

No momento do *Anschluss*, estima-se que moravam em Viena aproximadamente 200 mil judeus, dos quais 65 mil foram assassinados pelos nazistas, e os restantes expulsos (Zeyringer e Gollner, 2019: 668). Aliás, em termos de perdas, ganhos ou contrapesos, um dos temas debatidos de modo mais frequente na história dos exílios contemporâneos refere-se ao papel cultural e político dos “exilados intelectuais” em face de sua posição em relação ao poder, mas também de a dualidade resistência *versus* colaboracionismo ser um dilema constante na vida dessas figuras da cultura. Como sabemos, as escolhas consideradas “certas” em oposição às “erradas”, não raras vezes, são visualizadas e apreendidas somente no futuro, por mais evidentes que nos pareçam. Esse aspecto é algo incontornável na minha reflexão, mesmo porque Jean Améry dedicou atenção específica ao fenômeno. No caso austríaco, por exemplo, enquanto alguns escritores tiveram livros queimados e foram sumariamente banidos, os partidários e simpatizantes do nacional-socialismo eram recompensados. Zeyringer e Gollner (2019: 671) acentuam que, entre os austríacos defensores e adeptos do nazismo e que haviam preparado a “anexação” com a maioria da população estavam Bruno Brehm (1892-1974), Richard Billinger (1890-1965), Gertrud Fusseneger (1912-2009), Hans Klopfer (1867-1944), Franz Nabl (1883-1974), Josef Friedrich Perkonig (1890-1959), Franz Tumlir (1912-1998), Karl Heinrich Waggerl (1897-1973) e Josef Weinheber (1892-1945). Como se observa, à exceção de Klopfer e Weinheber, a vida dos demais superou o marco temporal da Segunda Guerra, e, seja pelo apoio, seja pelo

¹⁸ “A emigração dos filósofos do Círculo de Viena foi talvez menos traumática do que a de outros académicos. Dada a tradição pragmática estadunidense, parece lógico que muitos estudiosos concordassem com os positivistas lógicos, e assim vários membros do Círculo atravessaram o Atlântico durante a década de 1920 e início dos anos 1930 para dar palestras e encontrar colegas com ideias semelhantes”. Tradução do autor.

estreito vínculo que mantiveram com o nacional-socialismo; esse passado desintegrou no esquecimento de uma história quase não contada, como se fosse ela inexistente.

Em uma contraversão, penso ser lícito destacar que um dos alicerces mais críticos e radicais sobre o passado austríaco, trata-se da literatura de Thomas Bernhard (1931-1989), o “artista do exagero”.¹⁹ Ao menos, em duas obras clássicas, Bernhard, empregando algumas de suas frequentes e até principais estratégias que residem na “explosiva” experiência estética que adota como estilo consagrado – a ironia, a iconoclastia e o niilismo – denuncia às escâncaras, por assim dizer, o passado de cumplicidade e colaboração dos austríacos com o nazismo. Tanto na peça teatral *Praça dos Heróis* [Heldenplatz], quanto no extraordinário *Extinção – Uma derrocada* [Auslöschung – Ein Zerfall], Bernhard desafia os leitores a mergulharem em uma história de mentiras e contrafações situadas no triplo limiar passado, presente, futuro, mas que remetem ao silêncio deliberado dos personagens comprometidos com o nacional-socialismo, assim como expõe, sobretudo em *Praça dos Heróis*, o trágico destino de pessoas que foram cruelmente perseguidas.

Vejamos: em *Praça dos Heróis*, peça original de 1988 e publicada no Brasil em 2020, Bernhard conta a história do professor Josef Schuster, que cometeu suicídio no ano em que se produziam memórias do cinquentenário do *Anschluss*, 1938-1988. O ano do *Anschluss* corresponde à expulsão de Schuster da Áustria, episódio do qual jamais se recuperou. *Heldenplatz*, título da peça no original alemão é a referência direta ao nome da praça em Viena na qual Hitler fez um discurso no dia 15 de março de 1938, e onde, eufórico e histriônico, anunciava aos vienenses a anexação da Áustria pela Alemanha. Já, *Extinção*, publicado no Brasil em 2000, retrata a vida (e o ato final de suicídio) do anti-herói, iconoclasta e niilista Franz-Josef Murau, que, após receber a notícia das mortes de pai, mãe e irmão em um acidente automobilístico, passa a rememorar repetitiva e freneticamente, entre outros detalhes, a cumplicidade do seu pai com o nazismo em troca de proteção, de favores econômicos e políticos, assim como denuncia a culpa do povo austríaco sobre os crimes. Por exemplo: “... era impossível não pensar que nosso povo se tornara culpado de milhares e de dezenas de milhares de crimes sórdidos como esses, e os silenciava. O silêncio de nosso povo sobre esses milhares e

¹⁹ Uma referência à obra coletiva organizada e editada por Matthias Konzett: *O artista do exagero: a literatura de Thomas Bernhard*. Curitiba: Editora da UFPR, 2014.

dezenas de milhares é de todos esses crimes o maior... [...]. O silêncio desse povo é o que há de pavoroso, esse silêncio é mais pavoroso que os próprios crimes” (Bernhard, 2000: 337). Bernhard, por uma deliberação criativa própria da literatura, confundiu a distância entre as antíteses *res factae* e *res fictae*, ao propor um entrelaçamento entre ambas,²⁰ além de motivar um exacerbado debate crítico que polarizou entre prós e contras na comunidade intelectual e leitora da Áustria. Essa importante menção à literatura de Bernhard que enfatiza omissão, colaboração, culpa, parece coincidir em parte com a realidade observada por Améry tanto no exílio belga, na sua passagem como prisioneiro na França, e depois, no *Lager* nazista. Porém, o testemunho de Améry, ou, a sua *res factae* é ampliada em razão de uma experiência direta também mais ampliada:

Vergessen wir nicht, daß beispielsweise die Judenjagd in Frankreich zur Gänze von der französischen Administration bestritten wurde, wiewohl die teilnehmenden Polizeiagenten schon durch die allen bekannten englischen Meldungen genau wissen mußten, daß man die Unglücklichen, wenn man sie nach Drancy transportierte, in den sicheren Tod führte. In Belgien habe ich flämische SS Männer am Werke gesehen, von denen mancher Deutsche noch hätte lernen können. Ich habe in den verschieden [en] deutschen Konzentrationslagern kroatische, polnische ukrainische, ungarische, rumänische, wallonische Mitglieder der SS kennen gelernt, die sich in nichts von ihren deutschen Lehrmeistern unterschieden. Man hat aber in all diesen europäischen Ländern nicht nur eine verhältnismäßig bedeutende Anzahl von rasenden Verbrechern feststellen können, sondern auch eine große Armee von freiwilligen Denunzianten, feigen Opportunisten, ideologischen Toleranten der “Neuen Ordnung” (Améry, 2002: 527).²¹

²⁰ Sobre as noções de ficção e realidade histórica, ver: Koselleck (2021: 109-129).

²¹ “Não nos esqueçamos, por exemplo, de que a perseguição aos judeus na França foi inteiramente da responsabilidade da administração francesa, embora os agentes policiais envolvidos certamente soubessem, pelos amplamente divulgados relatórios ingleses, que transportar essas pessoas infelizes para Drancy as levaria à morte certa. Na Bélgica, vi membros flamengos da SS em ação, dos quais muitos alemães poderiam ter aprendido muito. Nos diversos campos de concentração alemães, encontrei membros croatas, poloneses, ucranianos, húngaros, romenos e valões da SS, que eram indistinguíveis de seus instrutores alemães. Contudo, em todos esses países europeus, era possível identificar não apenas um número relativamente significativo de criminosos fanáticos, mas também um grande exército de informantes voluntários, oportunistas covardes e simpatizantes ideológicos da “Nova Ordem”. Tradução do autor com consulta em: <https://www.dwds.de/> Acesso em 19 de dezembro de 2025. O ensaio citado, cujo título em alemão é *Zur Psychologie des deutschen Volkes* [Sobre a psicologia do povo alemão] jamais foi publicado por Améry. Escrito em Bruxelas no mês de junho de 1945, portanto, dois meses após sua libertação do campo de Bergen- Belsen, este e outros manuscritos são provenientes do Arquivo de Literatura Alemã da cidade de Marbach am Neckar. Foram finalmente publicados no Volume 2 das Obras Completas de Jean Améry. O Volume 2 foi editado por Irene Heidelberger-Leonard.

Em dezembro do mesmo ano em que Bernhard publicou a peça *Heldenplatz* na Áustria, Joseph Brodsky (1940-1996), poeta e Prêmio Nobel de Literatura, redigiu e leu na cidade de Viena, uma conferência sobre exilados organizada pela Wheatland Foundation. Brodsky afirmou que o lugar comum “deste século [XX] são o enraizamento e a inadequação”, e que um escritor no exílio é, de modo geral, um ser retrospectivo e retroativo, sendo o exílio portador de uma condição que se acelera rumo ao isolamento, rumo a uma perspectiva absoluta: “rumo àquela condição em que a única coisa que resta é o próprio indivíduo e sua própria linguagem, sem nada nem ninguém como obstáculo” (Brodsky, 2016: 18-34). Malgrado ser um exilado por motivos políticos e ter morrido no exílio, em certos momentos da conferência, Brodsky tendeu a enfocar a condição do exílio mais em aspectos favoráveis do que negativos, talvez por tratar de um contexto cujos graus de gravidade e tragicidade, em termos globais, foram de menos alcance comparados ao período no qual Améry tomou o caminho do exílio; e talvez por ser um russo exilado que conseguiu a cidadania estadunidense no contexto da “guerra fria”. “A verdade”, assinala Brodsky, “é que só é possível se exilar de uma tirania numa democracia”. (Brodsky, 2016: 18). Ainda que valorize a discussão sobre os elementos retroativos, o caso abordado por Brodsky não foi, por óbvio, o caso de Améry e dos outros refugiados que o acompanharam. O exílio na Bélgica talvez tenha sido a única e mínima alternativa possível dentro das condições absolutamente dramáticas na qual se encontrava a maioria dos países europeus na época próxima ao início da guerra, lembrando que a invasão nazista na Bélgica ocorreu em maio de 1940, se constituindo em um dos primeiros e progressivos atos de agressão do nazismo em sua obsessão bélica e criminoso pelo domínio da Europa.

Normalmente, as iniciativas criadas para resgatar intelectuais da perseguição e colocá-los em um lugar de segurança no exílio, quase sempre tinham em mente personalidades de prestígio ou renome. Foi esta a ressalva para a qual Améry chamou a atenção. De acordo com a sua visão, “quem conheceu o exílio encontrou muitas respostas para problemas existenciais; em contrapartida, passou a enfrentar um número ainda maior de interrogações” (Améry, 2013: 80). Reconhecimento e celebridade costumavam funcionar no exílio como substitutos da “pátria”. Os anônimos, segundo Améry, não possuíam nenhum sucedâneo móvel para a ideia de pátria, enquanto a

palavra podia representar para outros mais conhecidos e famosos, um capital significativo: “a posse do dinheiro, o prestígio pelo reconhecimento e a celebridade” (Améry, 2013: 85). Como a maioria dos exilados, Améry era e se via enquanto um anônimo em comparação aos escritores razoavelmente conhecidos ou bem-sucedidos da língua alemã:

Para nós, anônimos, a situação era outra. Nada de brincar com a ideia de uma imaginária Alemanha “verdadeira” que tivéssemos carregado conosco, ou participar de rituais responsáveis por preservar a cultura alemã no exílio para dias melhores. Os refugiados anônimos viviam uma existência social mais ajustada à realidade alemã e internacional. [...]. Sabiam que eram homens perseguidos e não curadores de um museu invisível da história intelectual. Haviam compreendido muito melhor que a pátria lhes havia sido subtraída. No meu caso, eu estava inteiramente desabrigado, perdido na fila de refugiados que esperam receber as doações semanais do comitê de ajuda judaico (Améry, 2013; 85).

Tampouco Améry eximiu alguns escritores que apoiaram ativamente o nacional-socialismo, ao argumentar de modo muito convincente que não caberia “reivindicar a tradição nacional quando ela é honrosa e negá-la quando, encarnando a perda de qualquer sentido de dignidade, extermina um adversário talvez imaginário e certamente indefeso” (Améry, 2013: 125).²² Portanto, intelectuais como Améry, e outros desterrados de diferentes gerações (como Brodsky) ressaltaram esta cesura irremediável que permaneceu entre os apoiadores das tiranias políticas, e aqueles que se submeteram a um alto custo pessoal e humano com a realidade do exílio. É digno de nota recordar que Edward Said em suas reflexões sobre o exílio alertou que esse fenômeno é um universal que não pode ser posto a serviço do humanismo. Para Said, o exílio não é compreendido nem do ponto de vista estético, nem do ponto de vista humanista. Na melhor das hipóteses, prossegue Said, a “literatura sobre o exílio objetiva uma angústia e uma condição que a maioria das pessoas raramente experimenta em primeira mão”, de modo que imaginar o exílio como algo benéfico para essa literatura seria “banalizar suas mutilações, as perdas que inflige aos que as sofrem, a mudez com que responde a qualquer tentativa de compreendê-lo como ‘bom para nós’” (Said, 2003: 47). Levando

²² Dentre ativos apoiadores do nacional-socialismo, ou, autores que foram muito festejados na vigência da tirania nazista, Améry cita os nomes de: Hans-Friedrich Blunck (1888-1961), jurista e escritor, Friedrich Giese (1890-1975), romancista da “vida camponesa”, Wilhelm Schäfer (1868-1952), escritor, Hermann Claudius (1878-1980), o “poeta oficial do Partido Nazista”.

em consideração a sugestão de Said sobre o quanto de objetividade – mas também quanto a reconhecer e decifrar signos – pode residir na literatura do desterro e do exílio, meu questionamento pensa em identificar, minimamente, quais e quantas fronteiras simbólicas, estranhas e surpreendentes Améry atravessou, abandonando a “vida velha para sempre” (Améry, 2013: 79-80):

Me he perdido adelantándome en el tiempo. Debo huir hacia atrás, diez, quince, veinte, veinticinco años, para reencontrarme a mí mismo y al amigo desconocido. [...] Dependiendo sólo de mí mismo, sin patria, excluido de toda tradición, estaba “echado al mundo”: de forma literal, no metafórica, experimentando hora tras hora el abandono y con él la autoproyección como nueva realidad, inventor de mí mismo, aunque inventor miserable, que tomaba sobre sí el riesgo de la libertad pero que no sabía hacer saltar chispas de semejante libertad (Améry, 2006: 129-130).²³

“Envelhece-se mal no exílio” (Améry, 2013: 106). Foi com esta sentença que Améry praticamente concluiu o ensaio cujo objeto é o testemunho sobre a história do seu exílio. É a falta repentina de um passado que impele a necessidade de Améry elaborar esse mesmo passado que carece de uma história no meio ambiente do desterro. A impressão é que a angústia que o perseguia, como destacado por Said, refere-se a uma espécie de inexistência absoluta que o exílio impõe: “não tinha nenhum passaporte, nenhum passado, nenhum dinheiro, nenhuma história” (Améry, 2013: 83). Améry se colocava como um “*eternal outcast*” [eterno excluído] e objeto do preconceito comum que atingia o emigrante, sobretudo, no contexto de guerra e banimento que tendia a gerar, ou majorar, as hostilidades da população nativa. É importante pensarmos na especificidade de sentidos formulados por Améry quanto ao uso da categoria emigrante: ela é apropriada não apenas para alguém que deixa o seu país, mas para uma pessoa que teve que abandoná-lo por razões políticas, religiosas ou raciais, e que buscou refúgio em um país “anfitrião”, e, no mais, completamente estranho.

Como afirmei antes, para Améry, em essência, o emigrante pode ser equiparado ao exilado, ao refugiado, e ao apátrida, porque a polissemia converge para uma

²³ “Perdi-me ao avançar precipitadamente no tempo. Devo fugir para trás, dez, quinze, vinte, vinte e cinco anos, para me reencontrar e reencontrar o amigo desconhecido. [...] Dependendo apenas de mim, sem pátria, excluído de toda tradição, fui “lançado ao mundo”: de forma literal, não metafórica, experimentando o abandono hora após hora e, com ele, a autoprojeção como uma nova realidade, inventor de mim mesmo, ainda que um inventor miserável, que assumiu o risco da liberdade, mas que não sabia como fazer saltar faíscas de semelhante liberdade”. Tradução do autor.

condição que é determinada pelas condições históricas desfavoráveis em que tais coletivos estão implicados. Por exemplo, as perturbações e os insultos que os refugiados antifascistas do período, como italianos, espanhóis, alemães e austríacos, tiveram de suportar por parte das agências governamentais e da população dos países nos quais se estabeleceram (temporária ou definitivamente) tinham relação com o perigo que poderiam representar para a ordem vigente. Ao trasladar a realidade cotidiana do exílio para uma funcionalidade lexical, Améry revisou o significado semântico de uma palavra, ampliou e potencializou a experiência do deslocamento na forma do preconceito que o atingiu e a outros. Em determinado momento do ensaio *Eternal Outcasts. Prejudice against Emigrants* expôs uma série de dilemas:

In most countries the exiles were not allowed to work, but they were also not allowed to be without any means to subsistence. The emigrant from Hitler was a refugee. Between 1933 and 1939 the world wished to coexist with Hitler; that is why animosity toward the ‘subversive’, ‘warmongering’ emigrant was a dominant collective feeling in almost all countries (Améry, RH [1967], s. p).²⁴

A despeito de reconhecer e valorizar a abertura cultural e intelectual que a emigração proporcionou, Améry experimentou o encontro (ou choque) com fronteiras às vezes intransponíveis e de diversas ordens. Essas fronteiras frequentemente aparecem como a caracterização das impressões iniciais em narrativas exilares, mas que se perpetuam no imaginário que conforma o desterro. É a materialização mais imediata da alteridade. Como Améry representou essa alteridade radical? Em primeiro lugar, pela dificuldade, ou ignorância de neófito, em decifrar a expressão fisionômica das pessoas, e a tudo que poderia ter correspondência com essa expressão totalizante. Paradoxalmente, Améry era um estrangeiro no meio de estrangeiros, e o estrangeiro é uma parte do mundo que invade nossa soberania e nos ameaça através de vários registros. Rostos, gestos, vestimentas, “palavras” (mesmo que mal as compreendesse) eram realidades sensíveis, mas não signos inteligíveis. Esse mundo carecia de ordem para mim” (Améry, 2013: 87). A superação dessa “desordem” foi pela tentativa de

²⁴ “Na maioria dos países, os exilados não tinham permissão para trabalhar, mas também não podiam ficar sem meios de subsistência. O emigrante de Hitler era um refugiado. Entre 1933 e 1939, o mundo desejava coexistir com Hitler; por isso, a animosidade em relação ao emigrante “subversivo” e “belicista” era um sentimento coletivo dominante em quase todos os países”. Tradução do autor. Título do original em alemão: Die ewig Unerwünschten: Vorurteile gegen Emigranten. Publicado em: *Tribune. Zeitschrift Zum Vertsänfnis des Judentums VI* (1967): 2230-38.

Améry em circunscrever um campo semântico pertencente ao território da segurança e aplica-lo ao binômio *conhecer-reconhecer*. Em termos didáticos, esse binômio era mobilizado quando efetivamente podia-se estar seguro na pátria, no país, na terra. Porque, terra natal era segurança, e nela, dominava-se a dialética do *conhecer-reconhecer*:

Todo o campo semântico das palavras aparentadas – fiel [*treu*], fiar-se [*trauen*], confiança [*Zutrauen*], confiar [*anvertrauen*], confidencial [*vertraulich*] e confiado [*zutraulich*] – pertence ao extenso território psicológico de sentir-se seguro. As pessoas se sentem seguras quando não há incertezas no horizonte, quando não têm nada de estranho a temer. Viver na sua terra significa ver aquilo repetir-se constantemente, com mínimas variações. É verdade que, se conhecemos apenas a nossa terra natal, podemos nos tornar espiritualmente pobres e limitados, provincianos. Mas, se carecemos da terra natal, caímos no caos, no desconcerto, na desorientação (Améry, 2013: 88).

Na análise dedicada às experiências-limite vivenciadas por Améry, o filósofo Vivaldi Jean-Marie, especialista em estudos da diáspora e professor na Columbia University, chegou a destacar que estar no exílio foi, para Améry, primeiramente o estranhamento e a perda da coesão com seu povo e costumes (Jean-Marie, 2018: 54).²⁵ Se quisermos acrescentar um outro elemento que cimenta a relação povo-costumes, podemos sugerir que a linguagem, inclusive, é também ela um componente que parece quedar mais ou menos explícito na citação acima. No meu ponto de vista, a segurança psicológica buscada por Améry na posse de um lar que ele batiza de terra natal, é, por sua vez, uma tentativa de reunir e representar os milhares de vozes emudecidas de compatriotas seus. Se é preciso erigir essas vozes para qualificarmos a possibilidade da escuta, dependemos da linguagem que é afetada por nuances e transformações da língua materna em situação de exílio. Isto é, o exílio é inseparável das mutações que ocorrem gradativamente na relação entre língua materna e pátria. Vivendo na pele de um apátrida, Améry preferiu falar não em fragmentação da língua materna, e sim, em atrofia. O que isto significa? Movimentar-se em um espaço tensionado por uma língua estrangeira, alienígena, implicava reduzir a língua mãe a um vocabulário cada vez mais limitado. Como se não bastasse, a maioria dos exilados parecia recusar a adotar os

²⁵ No original: “Early on, Améry depicts exile as estrangement and the loss of cohesion with one’s folks and customs”.

farrapos de língua trazidos “pelo vento desde a Alemanha até os países ocupados, com o argumento de que a língua alemã estava sendo corrompida em seu país e de que era nossa missão manter sua pureza” (Améry, 2023: 94-95).

Uma língua “artificial” acabava por alterar o conteúdo semântico das palavras, e a língua materna se convertia em um elemento da cultura tão hostil quanto aquela que era hegemônica e falada à volta dos exilados. Enquanto “salvação”, manter a pureza da linguagem como um dos projetos intelectuais de Améry, poderia bem simbolizar manter o passado austríaco no presente belga do exílio. Em outras palavras, exercitar o jogo da temporalidade era enfrentar um duplo desafio de sobrevivência refletido na linguagem: lutar contra o estreitamento do horizonte do exílio, e recolher-se ao passado buscando nele um abrigo seguro; lutar contra ou mediante o presente da narrativa que pesava sobre um Améry envelhecido que convivia com a “objetividade histórica”. Como frisei anteriormente, essa objetividade histórica carecia de um fundamento moral porque reabilitava nazistas ao iniciar processos de reparação. Assim, quando refletiu densamente sobre a condição exilar, Améry ponderou marcar como palavras-chave e ato a recordação e a saudade. Recordar: “Nossas reflexões retornam, naturalmente, ao seu objeto principal: o banido do Terceiro Reich perdeu a pátria. Envelheceu. No período que já tem algumas décadas foi forçado a reconhecer que a ferida infligida não é do tipo que cicatriza com o tempo” (Améry, 2013: 101-102). A saudade: “o ódio à pátria, associado ao ódio a nós mesmos, doía, mas alcançava o paroxismo quando, em meio ao trabalho penoso de autodestruição, emergia a tradicional saudade para reclamar a sua parte” (Améry, 2013: 93).

Aliás, recordação e saudade são palavras associadas àquilo que falta, ao que está ausente, mas são expressões também relacionadas ao tempo passado que é reatualizado nessa forma contraditória de autodestruição reivindicada por Améry. Ao invés de uma “posição nostálgica”, tal como defendida na análise de Régine Waintrater, o vocabulário que irá conduzir a reflexão de Améry, sugere que ele conservou do passado como possibilidade resgatável no presente, uma “posição ressentida”. A posição nostálgica, na acepção freudiana de Waintrater, tem a ver com uma substância melancólica que constantemente pressiona o objeto de volta à vida, porém, através de um investimento forçado e contínuo que drena a energia psíquica do sujeito, tornando difícil o desapego. Na posição nostálgica “La possibilité du retour fait ici la difference, même si l’exile ne

rentre pas toujours au pays” (Waintrater, 2014: 66).²⁶ Minha objeção a esta perspectiva se alicerça no argumento de que o conhecimento do passado também pode ser formação nova fundamentada nos estratos inéditos de narrativas que se sobrepõem a narrativas anteriores, e não simplesmente um recuo nostálgico que indica melancolia profunda e petrificada, como parece sugerir a leitura de Waintrater. A escrita, desse modo, assume uma função terapêutica, mantendo-se o ressentimento como nutriente e impulso, e não a nostalgia como sintoma de alguma desordem psíquica que leva à melancolia. Cioran afirma: “... tudo o que escrevi foi por necessidade imediata [...]. Considerei então, e ainda considero, que o ato de escrever tem uma espécie de função terapêutica. Esse é o sentido profundo de tudo o que escrevi” (Cioran, 2024: 52). A saudade evocada pela recordação pode acontecer na forma de memória retentiva; ou na possibilidade de evocar, quando necessário, o “conhecimento passado e de torná-lo atual ou presente” (Abbagnano, 1998: 657). Améry externou as possibilidades da recordação e da saudade por meio de sua escrita, e o realizou, além do mais, contando uma história do exílio e da apatridia. De modo que, ao propor a nostalgia Waintrater parece buscar uma patogênese na condição exilar que Améry descreve, quando, tenho como verdade ao menos provisória, tratar-se de uma forma de ressentimento *assertivo* que conduz Améry a reconfigurar essa condição como condição histórica e não idealizada ou presa em uma redoma nostálgica. A “posição ressentida” de Améry, enquanto outra proposta, traduz um processo que não o incapacitou de explicar a própria experiência, assumindo uma razão ética como valor essencial. Em outras palavras, o ressentimento como teoria e prática em Améry, é dinâmico e não melancolicamente estagnado. O ressentimento em Améry é plasmado pela/na experiência testemunhal, que retorna para si mesma na forma crítica. Por que empreguei o termo “assertivo”?

O ressentimento em Améry é *assertivo*, e somente assim pode ser em razão da experiência profunda que se materializa em conhecimento, e em um tipo particular de consciência em face do vivido: da participação na resistência antifascista, do corpo a corpo com o carrasco SS do *Lager* nazista, do enfrentamento da dor da tortura, da opção pelo exílio absoluto, de buscar o passado que mais se aproxima da verdade contra o falseamento das anistias, e por não ter comercializado seu perdão. Thomas Brudholm destaca que o ensaio *Ressentimentos*, quarta parte do relato testemunhal contido em

²⁶ “A possibilidade de retorno faz toda a diferença aqui, mesmo que o exilado nem sempre volte para casa”. Tradução do autor.

Além do crime e castigo..., sugere uma meditação segundo a qual o ressentimento prolongado e à primeira vista vergonhoso e semiconsciente nutrido por uma vítima do nazismo e órfã de pátria, “passa a ser postulado em seus aspectos afetivos a uma fidelidade inabalável a certas exigências genuinamente morais” (Brudholm, 2008: 66).²⁷ Brudholm empenha-se em demonstrar como fato que as possíveis emoções e atitudes negativas no texto de Améry não são só compreensíveis, mas também possuem um componente moral que deve sustentar e preservar a vítima do nazismo por meio de um tipo especial de ressentimento que recusa decididamente os apelos para esquecer, perdoar, ou olhar para um futuro em que, para Améry, não reside qualquer possibilidade de reconciliação. A tese é que o exílio se converte, efetivamente, em uma resposta buscada no ressentimento. Diferentemente de Nietzsche, que via o ressentimento como interiorização e denegação do ódio assumido; ou de Max Scheler, que procurava reter apenas a significação do conceito de ressentimento sem implicações históricas, psicológicas e sócio-políticas,²⁸ em Améry, representa, de fato, a recuperação de uma envergadura moral sobre a condição sensível e ressentida. Essa condição é defendida por Améry, cuja reflexão chega a flertar com Walter Benjamin, quando reconhece os ressentimentos como “a fonte afetiva de toda moral autêntica, que foi sempre a moral dos vencidos” (Améry, 2013: 132). Além do que, aprendemos pelas contingências, a não sermos senhores da temporalidade e não dominarmos amplamente nossas sensibilidades. Fisicamente, envelhecemos. Simbólica e intelectualmente, esforçamo-nos a fazer o tempo avançar e recuar, e imaginamos que ele possa cumprir nossos desejos furtivos, inconscientes, e conservar algumas fagulhas de memória que restitua expectativas de futuros possíveis. O aprendizado de Améry no exílio, ao adotar uma pátria imaginária que nunca retornou a ele, foi também um lento processo que o convocou a “decifrar signos”. Porém, “reconhecer os signos nunca será [foi] um ato espontâneo, e sim um ato intelectual relacionado a um esforço mental” (Améry, 2013: 88).

²⁷ No original: “comes to be posited as the affective aspect of an unyielding allegiance to certain genuinely moral demands”.

²⁸ Sobre a oposição entre Nietzsche e Scheler, ver: Ansart (2001: 15-36).

Conclusões

Posso argumentar que um aspecto a articular o liame intelectual e afetivo de Améry com a pátria mãe foi ele jamais ter abdicado da língua alemã ao escrever sua obra. Um aspecto existencialmente mais problemático, é que Améry, na condição de exilado e apátrida, e ao manter a posição intransigente de recusa a recuperar sua cidadania, cometeu um ato às avessas do que pode ser uma atitude considerada cidadã. Um ato de radical simbolismo: abandonou o exílio para optar pela morte voluntária na cidade de Salzburg, no centro-oeste austríaco.²⁹ Em 17 de outubro de 1978, uma overdose de barbitúricos liquidou a vida de Améry em um quarto do antigo hotel Österreichischer Hof. Deixou como legado imediato do suicídio algumas cartas endereçadas às pessoas mais próximas pedindo escusas pelo ato e ultimando algumas poucas questões pessoais a resolver. Améry, no entanto, se erigiu como “testemunha moral”³⁰ nas décadas em que a Alemanha e os alemães, enquanto uma sociedade destroçada pela tragédia da Segunda Guerra, eram usufrutuários e provedores de uma ideologia da opulência marcada pela indiferença e esforço em transformar o passado em poeira da história. Somente talvez na década de 1980 começou a frutificar uma política de memória mais ostensiva em relação a esse passado que, então, tendeu a superar o marco indenizatório. Em 1948, ao atravessar de trem a Alemanha Améry surpreendeu-se quando folheava um jornal editado pelas forças de ocupação estadunidenses, ao ler a seguinte “mensagem” em uma carta anônima: “Não engordem tanto às nossas custas. A Alemanha voltará a ser grande e poderosa. Empacotem suas mochilas, bandidos” (Améry, 2013: 112). Ao julgar que o tom geral dos alemães (e austríacos, por que não?), deveria ser o arrependimento e não a soberba, Améry supôs que, igual ao missivista anônimo, poderiam haver na Alemanha muitos outros milhares que pensavam à mesma maneira. Assim, parece que uma parte do seu relativo desencanto com os resultados do debate público instalado no final da década de 1950 deveu-se justamente ao fato de cada vez menos se discutir o arrependimento em um contexto de extraordinária ascensão econômica e industrial. Daí, provavelmente, ser o

²⁹ Sobre o suicídio de Jean Améry, ver: Gonçalves (2024: 1-30).

³⁰ Testemunha moral no sentido que Assmann (2023: 32), confere a esta categoria: aquela que “reúne papéis de vítima e testemunha, [aquela] que se torna testemunha não através da sua morte, mas da sua sobrevivência”. Em clara oposição a uma semântica do sacrifício, a testemunha [moral] “e sua mensagem revelam um crime colossal, dando pura e simplesmente notícia do mal que elas experimentaram diretamente na própria pele na forma de uma violência criminosa organizada”.

exílio absoluto uma de suas escolhas imediatas, ainda que pudessem existir razões mais robustas e convincentes que não entram diretamente no jogo de hipóteses gerais deste artigo. O exílio de Améry foi tecido por esse encordoamento às vezes frágil, e às vezes potente, que é a linguagem, a partir da insistência de sempre buscar arrimo na realidade histórica. Podemos, inclusive, situar a questão desse exílio na esfera da literatura e observarmos as inúmeras analogias com algumas personagens de W. G. Sebald. Concedo-me, portanto, o direito de sugerir que o espectro de Améry metamorfoseou, no futuro, em uma personagem que pode ter inspirado uma espécie de sistema conotativo na literatura sebaldiana. Em *Os Emigrantes*, W. G. Sebald nos conta a história do professor Paul Bereyter, impedido de forma intermitente de exercer sua profissão regular durante o nazismo, e, desde a década de 1970, optou por um exílio peculiar; um habitante eventual da própria cidadezinha natal, onde pouco parava estando sempre fora, sem que ninguém soubesse onde. Segundo o narrador da história, “Em janeiro de 1984, chegou-me de S. a notícia que na noite de 30 de dezembro, uma semana após completar setenta e quatro anos, Paul Bereyter, que fora meu professor no primário, dera fim a sua vida ao deitar-se na frente de um trem a pequena distância de S.” (Sebald, 2009: 33). Ora, talvez tenha sido Heidelberger-Leonard (2005: 119), a primeira autora depois de Sebald em constatar as coincidências ou analogias ao afirmar que “So wie Améry sich eigens nach Salzburg begibt, um sich dort das Leben zu nehmen, setzt auch Bereyter seinem Leben ein Ende unter der heimatlichen Eisenbahn”.³¹ Essa intuição muito refletida da autora me permite concluir com duas sugestões: a primeira, concordando com Heidelberger-Leonard, é que a pátria de Améry, como a pátria de Paul Bereyter, somente foi conseguida e alcançada com a morte. A segunda sugestão retoma o pessimismo – ou antes, o ceticismo de Cioran: “é preciso que se reconheça que aqueles que entenderam são em geral aqueles que fracassaram” (Cioran, 2024: 112).

³¹ “Assim como Améry foi a Salzburg especificamente para tirar a própria vida, Bereyter também pôs fim à sua vida debaixo da linha férrea local”. Tradução do autor.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AMÉRY, Jean. *Eternal Outcasts. Prejudice against Emigrants*. In: ROSENFELD, Sidney; ROSENFELD, Stella. (Eds.) *Radical Humanism. Jean Améry – Selected Essays*. Indianapolis: Indiana University Press, 1967. Disponível: <https://publish.iupress.indiana.edu/read/radical-humanism/section/a0261c2e-a34b-427d-9c94-15da19ef9663>

AMÉRY, Jean. *After Five Thousand Newspaper Articles. How Became a Writer*. In: ROSENFELD, Sidney; ROSENFELD, Stella. (Eds.) *Radical Humanism. Jean Améry – Selected Essays*. Indianapolis: Indiana University Press, 1979. Disponível: <https://publish.iupress.indiana.edu/read/radical-humanism/section/a0261c2e-a34b-427d-9c94-15da19ef9663>

AMÉRY, Jean. *Zur Psychologie des deutschen Volkes*. In: AMÉRY, Jean. *WERKE*, Band 2. Stuttgart: Klett Cotta, 2002, p. 500-534.

AMÉRY, Jean. *Años de andanzas nada magistrales*. Valencia: Editorial Pre-Textos, 2006.

AMÉRY, Jean. *Lugares en el tiempo*. Valencia: Editorial Pre-Textos, 2010.

AMÉRY, Jean. *Além do crime e castigo: tentativas de superação*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

ANSART, Pierre. *História e memória dos ressentimentos*. In: BRESCIANI, Stella; Naxara, Márcia. (Orgs.). *Memória e (res)sentimento. Indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Editora a Unicamp, 2001, p. 15-36.

ASSMANN, Aleida. *Quatro tipos fundamentais de do ato testemunhal*. In: VARGAS, Mariluci; CALDAS, Pedro; CORREIA, Silvia. (Orgs.). *Testemunho e escrita da história. Da Grande Guerra à pandemia de COVID-19*. São Paulo: Letra e Voz, 2023, p. 19-36.

BERNHARD, Thomas. *Extinção – Uma derrocada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

- BERNARD, Thomas. *Praça dos Heróis*. São Paulo: Editora Temporal, 2020.
- BRUDHOLM, Thomas. *Resentment's virtue*. Jean Améry and the refusal to forgive. Philadelphia: Temple University Press, 2008.
- CIORAN, Emil *Um apátrida metafísico*. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2024.
- FREI, Norbert. *Adenauer's Germany and the Nazi Past*. The Politics of Amnesty and Integration. New York: Columbia University Press, 2002.
- FREI, N. *An Arduous Affair: Some Remarks About the Holocaust in German Historiography and Memory*. The Journal of Holocaust Research, vol. 37, nº 1, p. 72-79, 2023.
- GATTI, Gabriel. *O detido-desaparecido: catástrofe civilizacional, desmoronamento da identidade e linguagem*. Revista Crítica de Ciências Sociais, 88, p. 57-78, mar. 2010.
- GAUSS, Karl-Markus G. *Zu früh, zu spät*. Zwei Jahre. Wien: Zsolnay, 2007.
- GONÇALVES, Marcos. *O suicídio de Jean Améry (1968-1978)*. Revista de História da USP, n. 183, p. 1-30, 2024.
- GÖRTEMAKER, Manfred; SAFFERLING, Christoph. (Eds.). *Die Rosenberg Das Bundesministerium der Justiz und Die NS-Vergangenheit eine Bestandsaufnahme*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht GmbH & Co. KG, 2013.
- GROPPO, Bruno. *Os exílios europeus no século XX*. Diálogos, v. 6, p. 69-100, 2002.
- HEIDELBERGER-LEONARD, Irene. *Jean Améry's Werk-Urtext zu W. G. Sebald's Austerlitz?* Recherches Germaniques, p. 117-128, Anné 2005.
- HEIDELBERGER-LEONARD, Irene. *Jean Améry*. Revuelta en la resignación. València: Publicacions de la Universitat de València: 2010.
- JEAN-MARIE, Vivaldi. *Reflections on Jean Améry: Torture, Resentment, and Homelessness as the Mind's Limits*. London: Palgrave Macmillan, 2018.
- KONZETT, Mathias. (Org.). *O artista do exagero: a literatura de Thomas Bernhard*. Curitiba: Editora da UFPR, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. *Uma latente filosofia do tempo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2021.

RAHE, Thomas. Bergen-Belsen Main Camp. In: MEGARGEE, Geoffrey P. (Ed.). *Encyclopedia of Camps and Ghettos, 1933-1945*. Bloomington: Indiana University Press, 2009, p. 277-281.

RODRIGUES, Thamara de Oliveira. *Apresentação*. In: KOSELLECK, Reinhart. *Uma latente filosofia do tempo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2021, p. 7-52.

ROSEN, Joseph. *Suffering and responsibility: between Améry and Lévinas*. In: ZOLKOS, Magdalena. (Ed.). *On Jean Améry: philosophy of catastrophe*. Lanham: Lexington Books, 2011, p. 277-305.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SEBALD, W. G. *Os Emigrantes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SEBALD, W. G. *Campo Santo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

VONNEGUT, Kurt. *Um homem sem pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

VUILLARD, Éric. *A ordem do dia*. São Paulo: Planeta, 2019.

WAINTRATER, Régine. *Exile et nostalgie, un lien consubstantiel*. Dans *dialogue*, n° 205, p. 65-72, 2014.

WATSON, Peter. *Historia Intelectual del Siglo XX*. Barcelona: Crítica, 2010.

ZEYRINGER, Klaus; GOLLNER, Helmut. *Áustria, uma história literária: literatura, cultura e sociedade desde 1650*. Curitiba: Editora da UFPR, 2019.

ZOLKOS, Magdalena. Introduction. In: ZOLKOS, Magdalena. (Ed.). *On Jean Améry: philosophy of catastrophe*. Lanham: Lexington Books, 2011, p. IX-XXIV.